



RESUMO DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Optimizar as Estruturas das Forças de Segurança em África

POR HELMOED HEITMAN

- ◆ As forças de segurança africanas devem ter capacidade para combater e derrotar forças irregulares experientes, altamente móveis e bem equipadas, que com frequência se encontram estreitamente ligadas às comunidades locais.
- ◆ As forças de segurança devem ser manifestamente competentes e profissionais para poderem ser aceites pelas populações locais, cujo apoio é indispensável para derrotar as forças irregulares.
- ◆ As pequenas unidades militares, consagradas a objectivos gerais equilibrados e capazes de realizar operações independentes em territórios dispersos, são fundamentais para uma estratégia eficaz de combate às forças irregulares.

DESTAQUES

Em África registam-se actualmente muitas evoluções positivas, tanto a nível económico como social e político, mas grande parte do continente continua vulnerável, o que coloca em risco os progressos alcançados. A mais grave ameaça que muitos Estados africanos enfrentam provém de forças paramilitares que superam a capacidade da maioria das forças policiais e ultrapassam muitas vezes as fronteiras nacionais. O crime organizado, o banditismo rural, a pirataria, os senhores de guerra locais, as guerrilhas, a violência étnica e religiosa e os grupos islâmicos extremistas são apenas uma vertente da ameaça.

Os riscos provenientes de sectores paramilitares têm vindo a acentuar-se em termos de dimensão e âmbito. O crime organizado está cada vez mais associado ao narcotráfico da América do Sul, através

da África Ocidental, Ásia, e África Oriental, um negócio que movimenta hoje dezenas de milhares de milhões de dólares. O roubo de petróleo (“bunkering”) atinge 10 por cento da produção petrolífera total da Nigéria. A pesca ilegal custa ao continente um prejuízo anual de mil milhões de dólares. O abate de árvores e a mineração ilegais, bem como o tráfico de armas e o contrabando em geral, agravam ainda mais a dimensão e a complexidade das ameaças referidas.

As forças irregulares são compostas de guerrilheiros que lutam contra aquilo que consideram ser uma usurpação de direitos (Darfur) ou uma injustiça (Delta do Niger), ou combatem pela secessão (Cabinda, em Angola, e Casamansa, no Senegal), entre outras causas. Incluem igualmente milícias de defesa do território e de recursos (República Democrática

do Congo [RDC]), exércitos privados contratados por mineiros ilegais, madeireiros, contrabandistas e grupos sem uma motivação objectiva (Exército de Resistência do Senhor). Existe ainda a ameaça crescente do terrorismo, proveniente de grupos como a al Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) e a al Shabaab na Somália, e do esforço por parte de grupos terroristas islâmicos internacionais para se estabelecerem noutros países africanos.

Muitas forças irregulares — tanto as de origem criminosa como os grupos de guerrilha — são adversários perigosos, muito experientes na “guerra de mato” e amplamente equipados com espingardas de assalto, RPG-7, e metralhadoras pesadas. Dispõem, além disso, de uma grande mobilidade no terreno, deslocando-se em veículos de tracção às quatro rodas dotados de sistemas de posicionamento global, óculos de visão nocturna e telefones via satélite. Por vezes até possuem sistemas portáteis de mísseis antiaéreos. Em 2002, terroristas dispararam dois mísseis SA-7 contra um avião israelita em Mombassa e, em 1996, ladrões de gado utilizaram um para abater um helicóptero da polícia queniana, provocando a morte de todos os tripulantes. Algumas destas forças irregulares recebem apoio de países vizinhos, que lhes facultam o acesso a equipamentos ainda mais sofisticados. As tropas do General Laurent Nkunda, na região oriental da RDC, possuíam tanques T-55 e artilharia no terreno. As forças de guerrilha da República Centro Africana (RCA), Chade e Uganda têm sido abastecidas e até destacadas por via aérea. Os transportes aéreos são muito utilizados pelos contrabandistas.

Também parece existir uma tendência para a colaboração entre os grupos. As operações da AQMI, dos rebeldes Tuareg e dos contrabandistas no Mali e Níger estão cada vez mais interligadas. O Movimento para a Emancipação do Delta do Níger desenvolveu relacionamentos simbióticos com gangs de “bunkering” na Nigéria e guerrilhas na Península Bakassi, nos

Camarões. Parte do financiamento da Al Shabaab deriva da pirataria na costa da Somália.

A maioria dos Estados da região não possui forças capazes de combater tais ameaças, principalmente por falta de recursos. A situação é agravada pelo facto de o equipamento das suas forças armadas não ser muitas vezes o mais adequado para o tipo de acções que enfrentam. Com efeito, as iniciativas de apoio às forças de segurança e os programas característicos de reforma do sector não respondem de forma satisfatória a este tipo de perigos, já que tendem a incidir numa

“a maioria dos Estados da região não possui forças capazes de combater estas ameaças (paramilitares)”

redução — e não numa optimização — das forças de segurança. Para confrontar os desafios são necessárias novas estruturas operacionais. A África deve dotar-se de forças de segurança ajustadas ao contexto, destinadas a lidar com as ameaças concretas e previsíveis, e economicamente viáveis.

DESAFIOS GEOGRÁFICOS, DEMOGRÁFICOS, CULTURAIS E ECONÓMICOS

O desafio mais óbvio é a dimensão geográfica da maioria dos países africanos. A Costa do Marfim é maior que Itália, a região do Darfur, no Sudão, é do tamanho da Espanha, a RCA e a Somália possuem a área da França, o território do Chade é duas vezes o da França e a RDC tem o dobro do tamanho de França e Espanha juntas. Um terreno difícil e condições climáticas adversas, infra-estruturas de transporte precárias e a baixa densidade populacional das zonas rurais são factores que agravam o problema.

Um desafio demográfico premente é a urbanização acelerada, que resulta em concentrações de jovens desempregados nas cidades e pequenas povoações, dando origem a grupos de recrutas potenciais dos grupos de guerrilha e redes criminosas. Este fenómeno também reforça o aparecimento de povoações informais, que representam desafios de natureza táctica: dificuldades de navegação, estradas facilmente bloqueáveis por valas, civis que não podem fugir aos combates, casas vulneráveis à

Helmoed Heitman é consultor de defesa, correspondente da *Jane's Defence Weekly* e membro da equipa do projecto Vision 2020 das Forças Armadas Sul Africanas, das quais se reformou com a patente de major em 1996.

penetração pela maioria das municiões e risco de fogo entre estruturas frágeis.

Entre os desafios culturais contam-se as diferenças étnicas, linguísticas, religiosas e tribais. As forças de segurança têm ainda muitas vezes de ultrapassar o fosso existente entre os habitantes das zonas rurais e uma classe de oficiais predominantemente urbana.

A maioria dos países africanos é extremamente pobre e incapaz de dar resposta às legítimas aspirações populares. O conseqüente descontentamento é facilmente explorado por criminosos, senhores da guerra e alguns políticos, com conseqüências óbvias em termos de segurança. A pobreza também dificulta o financiamento adequado das forças de segurança. A RCA, com uma população de 4,5 milhões, gastou com a defesa, em 2007, apenas 18 milhões de dólares USD. O Chade, com 10,3 milhões de habitantes, investiu apenas 70 milhões. Mesmo o Quênia, relativamente próspero, com 39 milhões de habitantes, investiu somente 681 milhões de dólares, o que resulta em forças de segurança de dimensão muito reduzida e insuficientemente equipadas para desempenhar as suas funções.

FORÇAS DE SEGURANÇA EQUILIBRADAS, ADEQUADAS E ECONOMICAMENTE VIÁVEIS

O que se espera essencialmente das forças de segurança é que previnam ameaças à segurança, por meio da dissuasão ou da antecipação, e que respondam eficazmente a riscos concretos. Em África, isto terá de ser conseguido num contexto de graves restrições orçamentais, áreas geográficas muito extensas e infra-estruturas de transportes precárias, o que exige uma abordagem inovadora.

Os países africanos enfrentam ameaças à segurança bastante diversificadas e têm necessidades de segurança muito distintas. Não existe uma solução de “modelo único” nem sequer de “estilo igual para todos”. Contudo, dadas as características de muitos destas perigos, a maioria das operações será de natureza policial ou contra-guerrilha. Algumas condições de base podem ser identificadas neste contexto.

Aceitação e confiança por parte da população, sem as quais não é possível realizar operações eficazes contra grupos que se movimentam e operam no seio das populações. As forças de segurança devem estar verdadeiramente integradas e *envolvidas* com a

população local, disponíveis e capazes de ajudar em momentos de necessidade. A população deve identificar-se com as forças de segurança e encará-las como fonte de auxílio e apoio solidário. Isto exige um recrutamento rigoroso, formação para capacitar as tropas a ajudar as populações e a garantia de que as tropas conhecem os costumes locais e sabem dialogar nos dialectos locais. Os reservistas que vivem nas áreas afectadas podem desempenhar um papel muito útil neste contexto.

As forças de segurança também devem ser comprovadamente competentes, para serem aceites pelas comunidades locais, o que exige profissionalismo, particularmente da parte dos oficiais do quadro e milicianos. A honestidade indispensável das forças de segurança requer uma selecção cuidadosa, formação e monitorização rigorosas, condições de trabalho e salários dignos e uma administração responsável, por forma a desencorajar a corrupção. Por fim, as forças de segurança devem ser politicamente neutras, o que implica um esforço particular no sentido de assegurar que as nomeações de topo se baseiam claramente em considerações profissionais.

Uma presença sustentada, sem a qual as forças de segurança não conseguirão proteger e apoiar as populações, desencorajar o crime organizado e a formação de forças irregulares, e merecer o apoio popular. Esta presença é fundamental em termos de policiamento, assim como em operações militares ou de estabilidade. As forças de segurança dotadas de meios adequados e correctamente instruídas, formadas e equipadas, terão capacidade para prestar

“as forças de segurança devem estar verdadeiramente integradas e envolvidas com a população local”

uma defesa eficaz contra bandidos e guerrilhas, desenvolver serviços secretos, diminuir a insatisfação popular graças ao auxílio que prestam e manter as autoridades governamentais informadas das necessidades mais prementes na área da segurança. Uma estratégia bem fundamentada que permita o acesso rápido à população, mas que não constitua um entrave às suas actividades do dia a dia, deve, portanto, estar na base da concepção de qualquer força de segurança.

A recolha e tratamento de informações abrangentes e actualizadas são uma condição essencial da eficácia das forças de segurança de pequena dimensão. As forças de segurança devem conhecer cabalmente os seus adversários e o ambiente social no qual irão operar. Uma informação constantemente actualizada permitirá às forças de segurança acompanhar as situações, identificar as evoluções relevantes, prever ameaças potenciais e desenvolver planos assentes numa avaliação.

As forças de segurança também precisam de dispor de informações operacionais e táticas actualizadas para conter adversários hábeis e cautelosos, o que exige uma recolha, compilação e distribuição rigorosas e um fluxo contínuo de informação, investigação e acção que envolva as unidades subalternas. Não basta um sistema tradicional de recolha burocrática que distribui informações já perderam toda a sua utilidade.

CONCEBER FORÇAS CONSAGRADAS A OBJECTIVOS GERAIS EQUILIBRADOS

Neste contexto, podem desenvolver-se alguns conceitos de aplicação geral enquanto ponto de partida para a constituição de forças de segurança destinadas a cumprir objectivos concretos (consultar quadro), o que será complementado por elementos especializados, como meios aéreos e, segundo o país em causa, meios marítimos.

A realidade com que a maioria dos sectores de segurança em África se confronta obriga a que unidades de reduzida dimensão devam ser capazes de realizar operações sem apoio. Um estacionamento bem distribuído é essencial para uma presença efectiva e para construir e manter um quadro útil de informações de segurança, pois um reforço rápido será difícil de obter, na melhor das hipóteses. Em muitos casos, a má condição das estradas dificulta os destacamentos e a sustentabilidade de forças de grande escala. Todas as unidades das forças de segurança devem dispor, por isso, de capacidades de combate e de mobilidade protegida, concebidas para cumprir um *objectivo geral equilibrado*. O apoio de fogo exigirá meios de longo alcance (para apoiar forças dispersas destacadas ou a patrulhar longe da base), munições ligeiras (para compensar problemas de abastecimento), e precisão (para um

emprego eficaz das munições e prevenir baixas e danos colaterais).

Diversos exemplos na África do Sul ilustram esta abordagem.

O batalhão modular: Um batalhão de infantaria cujo número de companhias, veículos blindados, tropas montadas ou motorizadas, engenheiros e outros elementos destacados variava segundo a sua Área de Responsabilidade (AdR). Por sua vez, cada companhia era também modular na estrutura, geralmente com cinco pelotões de infantaria e um de veículos blindados, assim como algumas

“a realidade com que a maioria dos sectores de segurança em África se confronta obriga a que unidades de reduzida dimensão devam ser capazes de realizar operações sem apoio”

viaturas blindadas de transporte de pessoal (APC) para patrulhas móveis. Esta modularidade permitia que cada batalhão e companhia correspondesse precisamente à sua AdR, em dimensão, terreno, estradas, densidade populacional, e pudesse levar a cabo toda uma gama de operações com os seus recursos próprios.

O grupo de batalhão: um batalhão de infantaria mecanizado ou motorizado com uma companhia integral de veículos blindados, artilharia e engenheiros. Mesmo as unidades de infantaria ligeiras estavam organizadas como grupos de batalhão com uma companhia de veículos blindados, uma bateria de artilharia e alguns APC para assegurar a mobilidade, quando não se encontravam envolvidas em operações a pé. Esta estrutura versátil mas, ainda assim, ligeira, tomou em consideração o facto de unidades do batalhão deverem muitas vezes operar longe de outras unidades ou armas de apoio e dotou-as da suficiente flexibilidade interna para o fazer de forma eficaz. Isto também eliminou praticamente todos os problemas habitualmente associados a destacamentos temporários numa unidade de armas diferentes.

Outro exemplo é o do Batalhão de Intervenção Rápida, dos Camarões, formado especificamente para combater o banditismo rural e dotado de meios aéreos

QUADRO: AS AMEAÇAS PARAMILITARES EM ÁFRICA E OS REQUISITOS DAS FORÇAS DE SEGURANÇA

Desafios operacionais	Implicações na concepção das forças
Muitos grupos irregulares representam uma ameaça militar significativa, pelo menos a nível tático.	Confrontar e derrotar adversários a nível militar, o que exige capacidade e recursos suficientes para superar o adversário. Não há desculpa para enviar forças governamentais para um “combate justo”.
As forças irregulares são mais vezes de natureza criminosa do que militar, exigindo uma abordagem adequada de confronto.	Compreender e combater as intenções e actividades criminosas das forças irregulares.
As forças irregulares estão geralmente bem integradas na população, quer voluntariamente quer pela intimidação, e têm um bom conhecimento do terreno.	Confrontar as forças destabilizadoras em áreas de grande densidade populacional sem sofrer baixas nem danos colaterais.
	As forças de segurança devem ser amplamente representativas, conhecer as tradições locais e ser capazes de comunicar nos dialectos locais.
	Os efectivos devem dispor de um bom nível de educação e formação para permitir que uma força pequena e bem distribuída esteja habilitada a dar resposta a diversas ameaças.
Muitas forças irregulares são altamente móveis, no mato e em áreas montanhosas, tanto a pé como em veículos de tracção às quatro rodas.	Uma maior mobilidade — a pé, por veículo e por meios aéreos — é um multiplicador de meios fundamental.
A maioria das forças irregulares possui meios de comunicação adequados para comando e controlo.	As tropas estacionadas devem possuir recursos suficientes (artilharia, blindagem, técnicos, comunicações, etc. — para lidar com tarefas imediatas, evitar dependências ou reforços morosos e prevenir insuficiências em termos de dimensionamento, de distribuição dos efectivos e de mobilidade.
As distâncias podem prejudicar as comunicações via rádio, exigindo medidas especiais.	
As dificuldades do terreno e as condições atmosféricas dificultarão as operações. Além disso, os acampamentos informais apresentam um desafio particularmente grave e complexo.	Efectivos especializados da força de segurança para certos tipos de terreno (mato, montanha, rio, acampamentos informais).
É difícil assegurar uma boa recolha de informações e a vigilância e o reconhecimento nas áreas rurais e fronteiriças em particular.	A recolha de informações, e a capacidade de reconhecimento e vigilância são essenciais a todos os níveis. As decisões de base e de destacamento devem compensar as limitações de mobilidade.
A gestão operacional, tática e logística, é difícil e lenta.	
Os Estados não possuem tropas nem efectivos suficientes para dar resposta a ameaças múltiplas.	São necessários meios que conjuguem capacidade, sustentabilidade e viabilidade económica.

próprios, como aeronaves ligeiras e helicópteros. O seu êxito confirmado deveu-se, em grande parte, aos seus objectivos doutrinaários e organizativos específicos, de combate contra forças adversárias paramilitares, em lugar de operações militares convencionais. Possui igualmente um conjunto diversificado de competências próprias, que lhe permitem responder de forma rápida e flexível à evolução da situação, sem precisar de pedir reforços e ficar a aguardar a sua chegada.

A um nível superior de organização existe o exemplo da “demi-brigade” do exército francês e, a nível inferior, muitos exércitos empregam “meios-batalhões”, “grupos de companhias” e “meias-companhias” com bons resultados. A chave reside na equiparação dos meios às diversas tarefas táticas previsíveis.

Além de meios equilibrados, a concepção das forças deve assegurar, a todos os níveis:

- ◆ mobilidade e agilidade operacional, tática e logística, para permitir a mobilização rápida e atempada do poder de combate e aproveitar todas as oportunidades fugazes de confrontar adversários esquivos .
- ◆ domínio rápido e sustentado numa AdR, incluindo a elasticidade (força e logística) e flexibilidade (meios equilibrados) para prolongar destacamentos no tempo ou no terreno e adaptar o destacamento ao evoluir da situação.

- ◆ poder de fogo de precisão, para permitir a forças pequenas e dispersas dominar e derrotar rapidamente o adversário bem como minimizar o número de baixas e danos colaterais.
- ◆ comunicações asseguradas, com recurso a antenas retransmissoras quando as condições o exigiam.
- ◆ apoio logístico garantido consciente das dificuldades de circulação em estradas precárias e dos riscos muito concretos de emboscadas e obstrução de rotas logísticas.

Na maioria dos países africanos, o conceito ideal de forças de segurança incluirá um misto de forças estacionadas em permanência, consagradas a sectores determinados, e efectivos móveis que possam ser deslocados para reforçar unidades ou actuar como forças de intervenção quando necessário.

As forças estacionadas em permanência serão, na maioria dos casos, batalhões modulares com bases de companhia e talvez meia-companhia nos principais pontos da sua AdR. Podem ser apoiadas por uma unidade móvel que efectue patrulhamentos pseudo-aleatórios na área do batalhão para confundir os adversários, permita alterar a densidade da força em zonas seleccionadas ou possa agir como força de reacção. Os pelotões reforçados podem ser suficientes para alguns postos avançados, embora deva haver sempre dois oficiais, um para comandar as patrulhas e outro para assegurar o comando e controlo. A protecção efectiva das povoações pode até ser assegurada por divisões reforçadas de infantaria. No entanto, em todos os casos deve estar garantida uma assistência pronta aos efectivos destas pequenas forças, para sua própria protecção e para salvaguardar a sua credibilidade.

Os elementos móveis dos batalhões modulares devem ser mecanizados ou motorizados em função do terreno, da natureza do adversário e do financiamento disponível. O objectivo consiste em superar os potenciais adversários em mobilidade e poder de fogo e garantir ao mesmo tempo a protecção das tropas. Na maioria dos casos devem bastar APC com protecção anti-minas, simples, económicos e de

fácil manutenção. Os veículos de grande porte, resistentes a minas e emboscadas, só serão necessários quando as forças não puderem abandonar a estrada, tornando-se deste modo vulneráveis a ataques com engenhos explosivos improvisados. Em terreno particularmente difícil, estas unidades devem incluir infantaria ligeira destacada para a área e apoiada por veículos ou helicópteros.

Na maioria dos casos é desejável que as principais forças operacionais móveis sejam grupos de batalhões ou de companhias que empregam conceitos e tácticas próprios de operações de grande mobilidade. A chave da sua eficácia reside num raciocínio flexível, transposto em seguida para uma doutrina e organização detalhadas.

Sempre que possível, todos os elementos móveis devem explorar a sua superioridade assimétrica sobre as forças ligeiras do adversário. Não há nada de mais desigual do que um veículo de combate blindado e uma guerrilha que se desloca a pé. O conceito sul-africano de “acompanhamento mecanizado” serve de exemplo. Foi baseado na conjugação de um breve fluxo de informações, a nível de pelotões, com os meios de rastreio e mobilidade, poder de fogo e defesa de APC equipadas de protecção anti-minas. Envolveu helicópteros de reconhecimento, comando e controlo e apoio de fogo. A guerrilha teve enorme dificuldade em combater esta combinação.

Efectivos de forças especializadas. Nalgumas situações valerá a pena constituir unidades especializadas para complementar as tropas convencionais. Cada situação exige uma solução própria, mas um dos modelos que provou ser mais eficaz em diversos conflitos, tanto do ponto de vista táctico como económico, é o estacionamento de equipas especiais em comunidades rurais remotas, às quais prestam assistência e protecção, ao mesmo tempo que criam um quadro de recolha de informações; o envio de destacamentos para viverem nas povoações e as protegerem e a constituição de brigadas locais de autodefesa.

Os teatros de operações com linhas de comunicação muito extensas exigem um planeamento cuidadoso para proteger adequadamente as movimentações logísticas. As colunas militares e os postos de controlo, por si sós, não serão suficientes contra adversários bem treinados. Será igualmente necessário que os efectivos

móveis realizem patrulhas pseudo-aleatórias pelas áreas por onde passam os circuitos de comunicação.

Meios aéreos. Considerando os extensos cenários de operações do continente, a baixa densidade das forças em presença e as deficiências nas ligações

“muito do que as forças de segurança africanas terão de fazer a médio prazo será de natureza policial ou de contra-guerrilha e não será necessário um exército de grande escala”

rodoviárias, os meios aéreos podem constituir um elemento fundamental de vantagem competitiva em África. No entanto, dado o custo dos meios aéreos, deve ser dada prioridade a aviões a turbopropulsor de baixo custo associados a sistemas de alta tecnologia de preço acessível para assegurar meios essenciais de:

- ◆ reconhecimento, vigilância e espionagem de comunicações, usando aeronaves mono ou bimotor com torres optrónicas e sistemas básicos de intercepção de comunicações. As aeronaves não tripuladas são uma opção possível mas não são geralmente tão económicas nem tão simples como parecem.
- ◆ transporte, para destacar e apoiar elementos das forças, incluindo veículos ligeiros. Não faz sentido as tropas deslocarem-se de avião para uma área para serem depois obrigadas percorrer a pé 100 quilómetros ou mais, enquanto o adversário se põe em fuga, nem manobrem veículos de tracção às quatro rodas.
- ◆ mobilidade táctica por helicóptero, preferencialmente de pelo menos dois pelotões num levantamento único para garantir a presença de um elemento efectivo no terreno, e, quando possível, com o apoio de helicópteros armados.
- ◆ apoio aéreo de combate, usando simuladores de voo para aeronaves armadas turbo-hélice

e aeronaves ligeiras armadas de asa fixa equipadas com armas de precisão de baixo custo, para uma combinação ideal de persistência, poder de fogo e acessibilidade.

- ◆ controlo do espaço aéreo, através da conjugação de postos de observação, radares dissimuláveis móveis e turbopropulsores de intercepção de baixo custo para impedir que as forças irregulares utilizem meios de transporte aéreos.

Meios Marítimos. A maioria dos países africanos depende do comércio marítimo, da pesca e outras indústrias *offshore*, embora careça de uma marinha e de uma guarda costeira eficazes. O mesmo acontece com os países que possuem extensas fronteiras lacustres ou grandes sistemas de transporte fluvial. Mesmo os pequenos rios podem ser usados nas rotas de contrabando por aeronaves ligeiras e devem por isso ser vigiados. Tal como nos meios aéreos, a prioridade deve ser dada aos sistemas de baixo custo que garantam as capacidades mínimas necessárias. Os meios de segurança marítima devem ser desenvolvidos por etapas, em função do financiamento e da experiência operacional disponíveis, para reforçar:

- ◆ a segurança nas zonas portuárias e nas áreas piscatórias costeiras, usando embarcações ligeiras de patrulha costeira dotadas de sistemas muito básicos e armas ligeiras, embora com capacidade para operações nocturnas, para prevenir o contrabando.
- ◆ a prevenção do contrabando na orla costeira, o que requer embarcações de relativa solidez, idealmente apoiadas por aeronaves ligeiras de vigilância (até bastariam monomotores).
- ◆ a defesa dos activos *offshore*, o que exigirá embarcações maiores, de 45 a 90 metros, dependendo das condições habituais do mar e da distância a que se situam os activos. A defesa será melhor quando efectuada por uma combinação de barcos-patrulha e aeronaves de vigilância, que podem ser aparelhos bi-turbopropulsores ligeiros. Esta tarefa

pode ser levada a cabo em colaboração com empresas de pesca e companhias petrolíferas ou financiada directamente por um imposto sobre a actividade das mesmas.

- ◆ a protecção da Zona Económica Exclusiva, que pode ser, no essencial, uma extensão da defesa dos activos offshore.

MILITAR OU PARAMILITAR?

Muitas das tarefas que as forças de segurança africanas deverão realizar a médio prazo serão de natureza policial ou de contra-guerrilha e não exigem exércitos de grande dimensão. Com efeito, uma força de segurança constituída na perspectiva do policiamento pode até ser mais eficaz do que um exército convencional. Um exército corre inevitavelmente o risco de comparar-se e avaliar o seu desempenho em relação às forças armadas de países maiores, que enfrentam desafios completamente diferentes.

Por este motivo, os países africanos devem ponderar a opção de uma força de polícia, ou *gendarmérie*, que associe polícia civil, unidades paramilitares, guarda costeira, patrulha aérea e elementos de transporte, em vez de constituir forças policiais e forças armadas separadas. Uma força de segurança paramilitar deste tipo agregaria uma gama diversificada de meios no seio de uma organização única, eliminando as inevitáveis duplicações que uma força policial e um exército acarretam.

É evidente que esta abordagem pode não ser viável do ponto de vista político, o que deixa ainda a opção do exemplo europeu: uma *gendarmérie* paramilitar que faz parte do exército, mas que é centrada no

policciamento e está submetida à tutela do Ministério do Interior em tempo de paz. Em situações de conflito ou guerra, esta força oferece segurança e protecção de retaguarda, e os seus efectivos especializados em contraterrorismo complementam as forças militares especiais. Esta abordagem será mais dispendiosa do que a opção de uma força única mas resultaria no melhor de dois mundos.

CONCLUSÃO

As forças de segurança africanas vão enfrentar diversos desafios a médio prazo, poucos dos quais constam dos manuais. Serão forçadas a pensar de forma criativa e a centrar-se: centrar-se na missão, otimizar a estrutura da sua força, controlar as operações firmemente, compreender o que é que está realmente a acontecer (e não aquilo que se desejaria estivesse a acontecer) e aproveitar as oportunidades táticas e operacionais à medida que elas vão surgindo.

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Director: Embaixador (reformado)
William M. Bellamy
National Defense University
300 Fifth Avenue, Building 21
Fort McNair
Washington, DC 20319-5066
Telefone: + 1 202 685-7300
Website: www.africacenter.org

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM DAKAR

Gerente Regional:
Elisabeth Feleke
Telefone: 221 33 869 61 00
Email: FelekeE@ndu.edu

ESCRITÓRIO REGIONAL DO CENTRO DE ÁFRICA EM ADIS ABEBA

Gerente Regional:
Brad Anderson
Telefone: 251 11 517 4000
Email: AndersonBG@state.gov

RESUMOS DE SEGURANÇA DE ÁFRICA

Editor: Dr. Joseph Siegle
Telefone: + 1 202 685-6808
Email: SiegleJ@ndu.edu

O Centro de Estudos Estratégicos de África apoia o desenvolvimento de políticas estratégicas dos EUA que visam a África, oferecendo programas académicos de alta qualidade e relevantes, fomentando a consciencialização e o diálogo sobre as prioridades estratégicas dos EUA e assuntos relacionados com segurança em África, criando redes de líderes militares e civis africanos, americanos, europeus e internacionais, assistindo as autoridades dos EUA na formulação de políticas eficazes para África e articulando as perspectivas africanas a autoridades dos EUA.



O Resumo de Segurança de África apresenta pesquisa e análise de especialistas do CEEA e eruditos, com o objectivo de avançar a compreensão das questões de segurança Africanas. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Departamento de Defesa dos Estados Unidos ou qualquer outro órgão do Governo Federal. Para mais informações sobre o CEEA, visite o Web site <http://www.africacenter.org>.

AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES



<http://www.africacenter.org>

